

PRINCIPAIS TRAÇOS GRAMATICAIS DA FALA DE ALTO ARAGUAIA/MT

Cássia Regina Tomanin¹

Resumo: Neste pequeno texto, que é parte da dissertação de mestrado “Fotografias da fala de Alto Araguaia-MT”, pretendemos estar mostrando os principais traços gramaticais da fala do município de Alto Araguaia, cidade mato-grossense que faz divisa com o município de Santa Rita do Araguaia, Estado de Goiás. A característica desta região é o grande contingente de migrantes sob o qual a cidade se fundou, que ocorreu também na maioria das cidades mato-grossenses, e acaba dando a cada região características lingüísticas peculiares.

Palavras-Chaves: conservação, fenômenos gramaticais, inovação, sistemático e variável.

Abstract: In this short text, which is part of a master’s degree dissertation “Pictures of the speech of Alto Araguaia-MT”, we intend to be showing the principal grammatical lines of the speech of the municipal district of Alto Araguaia, a town in the state of Mato Grosso, which borders the municipal district of Santa Rita do Araguaia in the state of Goiás. The characteristic of this area is a great number of migrants who have founded the city. That also happened in most of the cities in Mato Grosso, fact that gives to each region peculiar linguistic characteristics.

Key-Words: conservation, grammatical phenomena, innovation, systematic and variable.

I – INTRODUÇÃO

Este texto, que mostrará alguns fatos gramaticais da fala dos habitantes do município de Alto Araguaia, Estado de Mato Grosso, tem como principal objetivo estar contribuindo para o conhecimento efetivo do português brasileiro, conforme solicitou Amadeu Amaral há quase um século “Fala-se muito num dialeto brasileiro (...) entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção.” (AMARAL, 1920, p. 43).

Convém salientar que o Estado de Mato Grosso, possui uma imensa diversidade cultural e lingüística, diversidade esta que decorre, principalmente do movimento migratório que se processou diferentemente em cada região, entretanto sua extensão territorial, entre outros fatores, dificulta o conhecimento e divulgação de sua riqueza cultural. Assim, o caminho mais fácil e mais curto para a descrição da fala mato-grossense é a realização de pesquisas regionais que, ao se somarem, revelarão a identidade desse grande Estado.

As pesquisas lingüísticas em pequenas regiões são defendidas por Amaral, que acredita que esta forma de trabalho tem um papel muito importante em relação ao mapeamento do português brasileiro:

Teríamos assim um grande número de pequenas contribuições, restrictas em volume e em

pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escoreita e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos. (AMARAL, 1920, p.15)

Assim, assumimos aqui que este trabalho representa mais um pequeno passo de uma longa caminhada que está por se fazer, até que se registrem as variedades lingüísticas existentes numa região tão vasta e tão diversificada.

Pretendemos também que este trabalho seja percebido não como conclusivo, mas sim, a etapa de um estudo maior, além de pretender ser um convite para novas pesquisas.

Antes de iniciarmos a descrição propriamente dita, passamos a breves informações sobre a região, o resumo de alguns estudos anteriores e sobre confecção da pesquisa.

Alto Araguaia - Localização:

Alto Araguaia localiza-se no extremo Sudeste do Estado de Mato Grosso, à margem esquerda do Araguaia, rio que constitui a fronteira natural com o Estado de Goiás. O município limita-se ao Norte com Araguainha, a Noroeste com Alto Garças, a Oeste com Itiquira, a Sudeste com Alto Taquari, a Leste com Santa Rita do Araguaia-GO, ao Sul com o Estado de Mato Grosso do Sul.

O município conta atualmente com uma área territorial de 5.538 Km². Dista aproximadamente 400 quilômetros da capital do Estado, Cuiabá, e



é atravessada pela BR 364, que cruza todo o território mato-grossense.

Alguns estudos anteriores:

Somente nos últimos dez anos as pesquisas lingüísticas começaram a se difundir no Estado de Mato Grosso. Até então, as pesquisas concentram-se em Cuiabá, não apenas por aquela região apresentar traços lingüísticos bastantes peculiares, mas também por ser a capital do Estado e ter lá instalada a UFMT- Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, com todo o aparato técnico e pessoal necessário para a realização de trabalhos.

- *Subsídios para o estudo de dialetologia em Mato Grosso*, de Franklin Cassiano da Silva, de 1921, no qual o autor comenta os fatos fonéticos existentes na fala que ele denomina mato-grossense e explica que o mesmo existia em Portugal. O autor apresenta ainda alguns vocábulos e expressões consideradas típicas da localidade. No campo da sintaxe, o autor afirma que é idêntica à das outras regiões brasileiras.

- *Do Falar Cuiabano*, 1978, de Maria Francelina Ibrahim Drummond;

- *Variação fonológica na fala de Mato Grosso*, 1984, realizada por Maria Luiza C. Palma;

- *O linguajar cuiabano e outros estudos*, 1998, de autoria de Antônio Arruda - um estudo diacrônico sobre a evolução do falar típico de Cuiabá. Este trabalho foi reeditado por uma empresa privada (Grupo Gazeta) em 1995 e divulgado em todo o Estado, tendo assim se constituído numa das principais fontes de estudo sobre o falar cuiabano.

A recente expansão de cursos de graduação em Letras e cursos de Especialização em Língua Portuguesa promovida pela UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso-, em várias partes do Estado, tem propiciado o aparecimento de uma grande quantidade de trabalhos monográficos sobre as falas de vários municípios mato-grossenses.

Entre as monografias podemos citar:

- *A realização das variáveis /d/ e /t/ seguidas de /i/ na fala de migrantes sulistas de Nova Santa Helena*, de Luciney Rosa Sur Romão;

- *Variiedades lexicais no português de bairros urbanos de Colider-MT*, de Maria José Basso Marques;

- *Os falares sulistas e nordestinos em presença do falar barrabugrense*, de Lídia de Moraes Picoloto;

- *A substituição de [l] por [y]- Carlinda-MT*, de Elídia Barbosa Lima, entre tantos outros. São trabalhos incipientes que começam a revelar a pluralidade lingüística de Mato Grosso.

Encontra-se em fase de preparação o projeto *Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático de Mato Grosso*². Com tal pesquisa pretende-se mapear o português falado em todo o território mato-grossense.

Recentemente se realizaram algumas dissertações de mestrado que revelaram traços culturais e lingüísticos de várias regiões do Estado:

- *Vila Bela de Santíssima Trindade-MT: sua fala, seus cantos*, de José Leonildo Lima, (2000) procurou registrar a memória do povo vila-belense, a qual, segundo o autor, tem sobrevivido apenas pela tradição oral, além de tentar explicar a discutida origem da população.

- *Atitudes sociolingüísticas em Cáceres-MT – efeitos do processo migratório* (2000), Leila Salomão J. Bisinoto procurou avaliar as atitudes lingüísticas dos moradores de Cáceres, tanto dos nativos como daqueles que migraram para o município há algum tempo.

- *Dialetos em Contato: um estudo sobre atitudes lingüísticas* (2001), Edileusa Gimenez Moralis procurou verificar as atitudes dos falantes de Alto Araguaia-MT em relação a: 1- sua fala e a fala dos vários grupos de migrantes que vivem na comunidade há pelo menos trinta anos e 2- o papel que a linguagem desempenha na vida profissional dos indivíduos.

Em relação ao primeiro tópico, Moralis observou que, com exceção do baiano, os grupos avaliam positivamente sua própria fala e que o araguaense se identifica com o goiano “instituinto assim, ao falar araguaense um lugar de pertencimento e semelhança com o Estado de Goiás”. Em relação à fala dos outros grupos as opiniões divergem. Enquanto o araguaense avalia negativamente o falar gaúcho e positivamente o paulista, o goiano, ao contrário, avalia negativamente o falar paulista e positivamente o gaúcho. No tocante ao segundo tópico, ou seja, sobre o papel da linguagem, as atitudes dos falantes revelam que o papel da linguagem é o de manter a interlocução e as interações ocorrem, portanto, de acordo com os interesses de cada ocupação.

Um outro trabalho na área da sociolingüística realizado em Alto Araguaia é o *Programa de estudos sobre a variação lingüística no município de Alto Araguaia*, o qual verificou a concordância

entre verbo e sujeito de terceira pessoa do plural. A pesquisa mostra que o uso do padrão normativo é condicionado pela escolaridade e que as mulheres são menos conservadoras do que os homens, conforme observa Souza “contrariando os resultados de pesquisas anteriores, nossa pesquisa demonstrou que as mulheres foram mais propensas a não-aplicação da regra, em quase todos os tipos de verbo” (SOUZA, 1999, p.26).

Está em fase de finalização o projeto *Atlas Lingüístico da Região do Alto Araguaia*³, uma pesquisa dialetológica realizada na região do extremo Sul Mato-grossense.

A pesquisa:

Um trabalho que pretendesse descrever a realidade lingüística de uma região como a que estamos tratando aqui teria, obrigatoriamente, de considerar a diversidade local. Teria de ser organizado da mesma maneira que, segundo Brandão (1991), deveria ser feito o mapeamento do português falado no território brasileiro, ou seja:

teria de colocar lado a lado: executivos de grandes empresas, técnicos que manipulam o computador, operários de pequenas, médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandioca em humildes roças; pombeiros que comercializam pelo sertão, indígenas aculturados (BRANDÃO, 1991, p. 17)

Os nordestinos representam as primeiras levas que, juntamente com os mineiros, começaram a explorar os garimpos, graças aos quais se construiu o município.

O segundo grupo refere-se aos últimos migrantes a integrarem a comunidade araguiense; são os gaúchos que chegaram a região depois da década de 70 do século passado.

Esses dois grupos representam também os dois extremos sociais de Alto Araguaia. Os gaúchos vieram para a região com a condição facilitada de compras de grandes porções de terras, são hoje os grandes latifundiários, representantes políticos, proprietários do comércio, fazem parte da classe economicamente favorecida. Os nordestinos vieram para trabalhar em condições muitas vezes sub-humanas, nos antigos garimpos, constituem atualmente a classe trabalhadora.

Além da fala espontânea dos doze informantes acrescentou-se a gravação de momentos de fala das rádios locais, uma AM e outra FM, constituindo-se assim o *corpus* sobre o qual se processou a descrição da fala araguiense.

Os fatores considerados para a seleção de informantes foram:

a- Naturalidade; b- Sexo; c- Idade e d- Escolaridade.

A distribuição se deu conforme se vê no quadro abaixo:

Naturalidade	AA		AG				AN					
Idade	+ 56		40/55				+ - 30					
Escolaridade	Analf.		Escol. 1		Escol.2		Escol.3		Escol.2		Escol.3	
Sexo	H M		H M		H M		H M		H M		H M	

Assim foi feito, colocamos “lado a lado”, como sugere Brandão, homens e mulheres, analfabetos e escolarizados, advogados, vendedores e trabalhadores braçais, descendentes dos fundadores do município e filhos de migrantes do último ciclo de desenvolvimento da cidade. Enfim, neste trabalho não procuramos adotar um recorte metodológico que pudesse abrandar a heterogeneidade característica da região; ao contrário, procuramos levar em conta tal diversidade, justamente por considerar que seja esta a peculiaridade da comunidade de Alto Araguaia.

Os grupos de migrantes escolhidos foram de nordestinos e de gaúchos.

Legenda:

AA = araguiense filho de araguiense

AG = filho de gaúcho

AN = filho de nordestino

Analf = analfabeto

Escol. 1 = até a 4.ª série do ensino fundamental

Escol. 2 = de 5.ª a 8.ª série do ensino fundamental

Escol. 3 = ensino médio e superior

H = homem

M = mulher

A seguir apresentaremos uma visão geral dos fatos morfo-sintáticos encontrados na fala

araguiense. Procuramos agrupar tais fenômenos colocando de um lado aqueles avaliados como conservação do português arcaico e de outro lado aqueles considerados brasileirismos, entre esses mostramos quais ocorrem de forma sistemática e quais se apresentam com alguma variação.

A medida em que apresentamos os fatos damos alguns exemplos coletados e comparamos com os mesmos fatos registrados em outras localidades brasileiras, aos quais tivemos acesso por meio dos clássicos Atlas lingüísticos já publicados, nas "Gramática do português falado", além de trabalhos regionais, como monografias e teses de mestrado e doutorado. Procuramos destacar ainda, num quadro ao final do texto, aqueles que são controlados pela variável externa escolaridade.

a - FENÔMENOS CONSERVADORES

a.1- sistemáticos

○ uso do **artigo antes de antropônimos**. Em várias regiões o fenômeno ocorre, em algumas localidades é variável, em outras não se usa o artigo em tal situação.

○ uso generalizado do artigo antes de nomes próprios no Brasil, ao lado do uso da mesma partícula antes do possessivo, representa para Silva (1996, p. 121-3) uma característica do português que o diferencia das demais línguas românicas. A autora ainda acrescenta que o fato de ser observada uma maior freqüência no uso do artigo no português europeu do século XV reforça a hipótese de ser este um traço de conservação no português brasileiro. (op. cit, p. 123).

Ex: (30) **a** Vanda, **a** llda, **u** Armiltu, **a** Paricida, **a** Vanessa i **a** Vânia (inf. AFS)

a.2- variáveis

- o verbo **ter** é amplamente utilizado com sentido **impessoal**. Esse fato é registrado em todas as classes sociais, em todas as regiões brasileiras, não reflete variação diastrática.

Chaves de Melo (1946, p. 84) explica que a substituição de *haver* por *ter* é uma "tendência latente" na língua-tronco, é a forma própria de "nosso linguajar plebeu".

Coutinho (1968, p.335) classifica tal substituição como um brasileirismo que se constitui num erro grave comum nas camadas populares.

Paul Teyssier (1997, p. 106) também admite que seja um brasileirismo, mas que não é percebido

como erro, é um brasileirismo que pertence à língua normal.

Ex: (74) *Eu quiria fazê um francês, italianu, aqui num **tem** (...) num **tem** cinema pra i, cê **tem** padarias aqui ... num **tem** docí differenti, num **tem** nada* (inf. GFE)

- o **pronome reto com função de objeto** é bastante freqüente na fala araguiense. Este fenômeno divide a opinião dos estudiosos, para alguns é uma conservação e para outros o fenômeno teria se originado em território brasileiro, sem significar continuidade do que foi verificado no português quinhentista. O pronome *ele(a)* é registrado tanto na fala inculta como na fala culta nas mais diversas regiões brasileiras.

Ex: (85) *peguei uma caranha grandi dimais (...) aí depois qui eu peguei **ela**, pegamu **ela** i pusemu **ela** dem du barcu.* (inf. NMR)

A **concordância nominal** divide as opiniões dos estudiosos.

Paul Teyssier (1997, p. 107) inclui a supressão da marca de plural dos nomes e adjetivos na lista dos brasileirismos vulgares, percebidos como incorretos, aliás, segundo o autor, mais incorreto do que o uso do pronome reto na função de objeto.

Naro & Scherre (1993), embora reconheçam que no Brasil tal fenômeno seja atribuído à influência do crioulo, sustentam a possibilidade de que nas línguas românicas já havia o "embrião" que apontava para a "uniformização morfológica".

Observando que dos vários estudos realizados no Brasil em torno desse tema, aqueles que têm como informantes pessoas de vários níveis de escolaridade verificam que essa regra é variável, podemos concluir que a escolaridade é o fator que mais influencia na aplicação da regra de concordância.

Ex: (113) *mais só qui ali, tá distorcenu **as coisa**.* (inf. NFE)

- A **concordância verbal** é realizada principalmente entre os escolarizados, embora entre esses, em algumas circunstâncias não ocorra. O tempo verbal e a distância entre o sujeito e o verbo atuam como condicionadores desta regra. Naro & Scherre (1993) consideram o apagamento da concordância em número um traço de conservação no PB. Os autores assumem que, em se admitindo que o fenômeno de desnasalização ocorre já em textos medievais e que o início do processo de não concordância

teve aí sua origem, a não concordância verbo-sujeito é um fenômeno que tem suas origens ainda na Europa.

Ex: (132) E- *Cadê u Hiltu i u Elinton?*
I – **ês safru, foi passιά** (inf. AMS)

- o uso do **artigo antes do possessivo** ocorre como uma variação livre, ou seja, não parece estar associada a qualquer fator lingüístico ou extralingüístico.

Teyssier (1997, 105) afirma que “o Brasil conserva a possibilidade de empregar os possessivos sem artigo em casos em que Portugal já não o faz; ex: “meu carro”. Esse fenômeno é, segundo o autor, pertencente à língua normal, ou seja, não é percebido como erro.

Ex: (42) **a** *minha mãe representa muito a fé* (inf. GMR)

B - FENÔMENOS INOVADORES

b.1. sistemáticos

- o uso do **oblíquo mim como sujeito em orações infinitivas**. Em todo o território nacional essa construção ocorre tanto na fala inculta quanto culta, em algumas regiões o fenômeno é variável.

Apesar de ser o fenômeno geral no país e ocorrer mesmo na fala culta, Paul Teyssier (1997, p. 105-7) classifica a ocorrência de *mim* como sujeito nas orações infinitivas como sendo um brasileiro pertencente a “registros sentidos como vulgares (ou incorretos)”.

Ex: (28) *pra mim* **contá** *uma história assim...* (inf. NME)

- as **relativas cortadoras** iniciadas exclusivamente pela conjunção **que** são a única forma de construção de orações relativas na fala araguaense. Em todas as regiões esse fenômeno é verificado, em algumas ocorre com pronome lembrete.

Tarallo (1989) classifica essa construção como uma inovação do português brasileiro.

Ex: (60) *são liçõis* **qui** *você podi aprendê alguma coisa* (inf. NFE)

- o pronome **te** referindo-se a **você** é o único que pode ser encontrado na fala araguaense. Em algumas regiões brasileiras alterna-se com o *lhe*.

Ex: (65) *quiria* **ti** *chamá pu* **cê** *vaijá cumigu* (Inf. AFS)

b.2-. variáveis

- o **apagamento do objeto** ocorre com bastante freqüência na fala araguaense. Ocorre entre os mais escolarizados e entre os poucos alfabetizados. É uma construção que tem sido registrada de forma crescente em várias regiões do país.

Ex: (97) *peguei uma caranha grandi dimais, i aligria, i luta pa trazê* **o** *nu barcu, i eu trussi* **o**, (inf. NMR)

Estudos recentes têm mostrado que esta construção é uma inovação do português brasileiro que se torna cada vez mais crescente em todas as regiões e classes sociais.

- o **apagamento do se** seja em função reflexiva, pronominal ou recíproca, ou ainda como índice de indeterminação do sujeito é um fato bastante freqüente entre os falantes de nossa comunidade. Parece ser uma variação livre, em um processo crescente, como ocorre em várias localidades brasileiras. Em algumas regiões o fenômeno não é registrado, em outras ocorre de forma sistemática.

Ex: (104) *a genti preocupa cum essas coisa* **né** (inf. GFR)

- a **colocação pronominal** é feita de forma exclusivamente **proclítica**, assim como ocorre na maioria das localidades brasileiras. Em algumas regiões a ênclise resiste em algumas expressões cristalizadas.

Teyssier (1997, p. 106) reconhece que construções proclíticas se constituem no fato sintático que mais distancia a fala brasileira da portuguesa atual. Há casos de próclise admissíveis no português europeu, como em “*João se levantou*”, mas a possibilidade de se iniciar uma frase com o pronome oblíquo é uma inovação brasileira.

Ex: (124) *mi identificu pelu um aspectu, porque* **as religiõis, as outras** *qui eu... assim, achei* **interessanti** (inf. NFE)

- o tempo verbal **futuro do presente** não ocorre na fala local; para se formar o futuro é utilizado o presente do Indicativo ou o verbo *ir* seguido do verbo principal. O **futuro do pretérito** é exclusivo dos escolarizados. O **presente do subjuntivo** é pouco freqüente entre o araguaenses, é geralmente substituído pelo presente do indicativo. O mesmo se verifica em

outras localidades brasileiras.

Ex: (203) *achu qui eu vô mudá daqui* (inf. AMI)

(215) E- *lá dentru você seria aceitu?*

I- *seria aceitu, só qui, eu num mi sintia bem* (inf.NME)

- para formar o **grau diminutivo** há duas regras na fala do araguiense: a- o acréscimo do sufixo *zinho* ao final de vocábulos oxítonos, como em *anelzinho, barzinho* e b- o acréscimo do sufixo *inho* ao final de vocábulos cuja última sílaba seja átona, como em *piquininha, istorinha*. Essas duas regras são verificadas em várias regiões brasileiras, exceto em algumas localidades nordestinas e da baixada cuiabana.

- os **períodos** podem ser **compostos** da maneira usual, ou seja, através de uma conjunção introduzindo cada oração ou simplesmente pela justaposição das orações, sem qualquer elemento conectivo.

Ex: (289) *pisô na bola, u pessual vai im cima né* (inf. NME).

- **nós** e **a gente** alternam-se na fala araguiense, tanto entre os menos escolarizados quanto na fala culta, na fala de mais jovens e dos mais velhos, dos filhos de nativos e dos filhos de migrantes. Apenas uma situação apresenta o uso sistemático do inovador *a gente* na fala dos escolarizados. É o que ocorre quando este termo tem função de sujeito em orações que apresentem verbo no tempo Pretérito do Subjuntivo, Futuro

do Pretérito ou Pretérito Perfeito.

Ex: (338) *eu leiu uma revista, vô pra casa, dô uma volta na avenida, travessa a ponti, vai pru Santa Rita, vai visitá otru istadu* (inf. GFE)

- o uso do **pronome tudo após o substantivo** ocorre com pouca freqüência na fala local, limitada à fala dos menos escolarizados. O fenômeno é verificado em várias localidades brasileiras.

Ex: (349) *us otus tudu tinha idu, menus nós* (inf. NMR)

- a topicalização com **pronome lembrete** é bastante freqüente entre os filhos de migrantes. Entre os filhos de nativos, que têm menos escolaridade e média de idade maior que os filhos de migrantes, o fato não ocorre. O fenômeno é encontrado em várias regiões brasileiras. Este fato merece destaque em nosso trabalho, pois pode estar significando a existência de dialetos em contato, por não ocorrer na fala dos filhos de araguienses nativos.

Ex:(355) *acreditu qui u ser humanu, eli tá consequinu distruí u qui Deus dexô pra eli*. (inf. NFE)

No quadro abaixo podemos visualizar o resumo, ou ter uma visão panorâmica dos fatos gramaticais registrados na fala araguiense:

Quadro 1- Classificação dos **Fenômenos Gramaticais**

Conservadores			Inovadores		
Sistemático		Variáveis	sistemático		Variáveis
* artigo antes de antropônimos		* verbo <i>ter</i> impessoal	* <i>mim</i> como sujeito		* <i>a gente</i> por <i>nós</i>
		* pronome reto com função de objeto	* relativas cortadoras		* pronome <i>tudo</i> após substantivo
		* ausência de marca de plural - nomes	* <i>te</i> em relação a <i>you</i>		* topicalização – pronome lembrete
		* ausência de marca de plural - verbos	* sufixo <i>inho</i> em vocábulos de final átono		* objeto nulo
		* artigo antes de possessivos	* futuro do presente composto		* apagamento do <i>se</i>
			*próclise		* construção de períodos compostos sem conectivos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de Alto Araguaia ter uma população bastante heterogênea, diversificada, coloca um problema para o pesquisador da área da dialetologia ou sociolinguística, ou seja, não podemos adotar um método, ou fazer um recorte metodológico que segregasse um grupo homogêneo, ou relativamente homogêneo. O recorte que fizemos possibilitou-nos observar e documentar a realidade lingüística de uma comunidade naturalmente heterogênea, que possui uma população diversificada, formada por indivíduos de origens diversas e seus descendentes. Segue-se então a dificuldade de caracterizar a comunidade. Como caracterizar a variedade lingüística de uma comunidade nova e diversificada? Será que tal comunidade possui uma fala característica? Qual a face dessa variedade?

Não há resposta definitiva. Pelo menos por enquanto. No passado, Alto Araguaia, após a migração original, de mineiros e baianos, isolou-se e permaneceu estagnada, em vários aspectos, por quase meio século. Da fala daquela época nada se sabe, não há registros. Após os anos 70, a população de Alto Araguaia foi alterada. Ao lado dos "primitivos" habitantes, surgiram outros. Os novos habitantes seriam nordestinos de vários Estados, paulistas, goianos e gaúchos.

Assim, o estudo da variedade lingüística de Alto Araguaia, para que possa retratar fielmente a fala da comunidade, deve levar em consideração sua natureza diversificada. O presente trabalho representa uma primeira abordagem da variedade da cidade, considerando a origem diversificada da atual população.

Por hora, o que se pode perceber é que não há, na variedade aqui descrita, qualquer peculiaridade que possa caracterizar a comunidade araguaense, qualquer marca lingüística que possa individualizá-la, diferenciá-la de outras comunidades lingüísticas brasileiras, ou seja, os fenômenos lingüísticos registrados aqui podem ser encontrados em outras partes do país. Exatamente como diz Celso Cunha (1975) quando explica que a migração interna no Brasil *produziu uma alteração profunda no tabuleiro lingüístico regional* e que por isso se deve considerar que

A inexistência de fronteiras dialetais definidas não implica a inexistência de dialetos, bem como os falares, não são coisas concretas, não correspondem a um território delimitado, no

qual se esgotam os seus múltiplos traços lingüísticos. Não há talvez dialeto ou falar que não tenha traços comuns a outros; porém o que dá fisionomia própria a cada um não são os caracteres isolados, que podem separá-lo ou aproximá-lo de dialetos ou falares contíguos ou distantes, mas o conjunto de traços que apresenta e que nenhum outro reproduz totalmente. (CUNHA, 1975, p.53)

Se levarmos em conta a afirmação de Coseriu (1973) de que entre língua e dialeto não há diferenças substanciais e que o comportamento de um é igual ao do outro, podemos aplicar às variedades lingüísticas a tese de Renato Mendonça (apud. TEIXEIRA, 1938, p. 26) de que *um contacto prolongado de duas línguas sempre produz em ambos fenômenos de osmose*.

Ao invés de uma marca lingüística individual temos em Alto Araguaia um conjunto de traços inovadores e conservadores que se combinam, alguns de forma variável, outros já (ou ainda?) estabilizados, que acaba por caracterizar a comunidade em questão, ou seja, percebe-se na fala araguaense traços que são encontrados em Minas Gerais, no Paraná, em Goiás, em Estados do Nordeste, enfim, Alto Araguaia congrega traços lingüísticos do português brasileiro de várias partes do país, mas combinados entre si de forma única, o que pode caracterizar a fala local.

Embora as variedades lingüísticas do Estado de Mato Grosso não estejam mapeadas, todo esse vasto território foi considerado por Nascentes (1953), um território incharacterístico e assim é reconhecido nacionalmente até hoje. Na verdade, Mato grosso é, como dito no início, um Estado onde predominam a diversidade e a pluralidade em variados aspectos sociais. Nessa vasta região, em matéria de pesquisa lingüística, praticamente tudo está por ser feito, razão pela qual não sabemos se a fala araguaense (agora uma entre as poucas que estão registradas) é igual, ou tem alguns pontos de convergência com a fala de outras localidades mato-grossenses. Convém salientar, contudo, que há vários municípios de pequeno porte com histórico parecido com o de Alto Araguaia, ou seja, são comunidades relativamente recentes formadas por migrantes de várias partes do país.

No vasto território mato-grossense, a única região que tem sua variedade descrita é a baixada cuiabana, que é o ponto "original" de Mato Grosso. Comparando a fala araguaense com a

daquela região, podemos assumir que há muitos pontos de divergência, seja no nível fonético, seja no nível gramatical. Na verdade, conforme se percebe em nossa descrição, há mais semelhanças entre a fala araguaense e a de outras regiões brasileiras do que entre esta e a capital do Estado da qual faz parte.

Assim já havia previsto Nascentes (1953) em sua divisão dialetal, na qual a região aqui tratada pertencia ao grupo sulista, temos a dizer que realmente, conforme mostramos no item A.6. as vogais [e] e [o] não se produzem de forma aberta, são fechadas ou alçadas, ou seja, [i] e [u] respectivamente, o que nos permite afirmar que, de acordo com o critério utilizado pelo estudioso, Alto Araguaia faz parte do grupo sulista.

Esta pesquisa também nos permite afirmar, como mencionado acima, que não se observa na fala local o predomínio de traços de quaisquer dos grupos migrantes existentes na região. Os traços fonéticos e gramaticais de gaúchos se misturam com os traços dos mineiros, dos baianos, dos paulistas, enfim, seja por maior expressão numérica ou por pertencer a um grupo social privilegiado, nenhum grupo impôs sua variedade lingüística em Alto Araguaia.

A única peculiaridade que registramos é a não ocorrência na fala dos filhos de nativos da topicalização com pronome lembrete. Esse fato, comum e freqüente em muitas localidades brasileiras, não faz parte da variedade que poderia ser considerada a "original" de Alto Araguaia, ou seja, pode significar uma marca dialetal, que distingue nativos filhos de migrantes.

Como um novo ciclo começa a acontecer na região, esta pesquisa que estamos agora concluindo deverá ser revista, ou complementada. Surgirão novos padrões lingüísticos na fala araguaense? Algumas mudanças já iniciadas estarão concluídas? A fala de determinado grupo se sobreporá às demais? O tempo nos dirá. E quando chegar esse tempo, se houver a vontade e a necessidade de se empreender um trabalho que tenha o objetivo de verificar dois momentos da fala desta comunidade, parafraseando Nascentes, dizemos que aqueles lingüistas serão *mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar* do primeiro e segundo ciclos de formação de Alto Araguaia.

Os fenômenos lingüísticos que acabamos de registrar representam a fala araguaense. Esta é a **norma** ou "*la realización 'coletiva' del sistema, que contiene el sistema mismo y además, los*

elementos funcionalmente 'no-pertinentes' pero normales en el hablar de una comunidad" (COSERIU, 1973, p. 97) que acabam por definir o que é, ou melhor, como **está** o português falado em Alto Araguaia no início do século XXI.

BIBLIOGRAFIAS

AGUILERA, V. de A. *Aspectos lingüísticos da fala londrinense – esboço de um atlas lingüístico de Londrina*. . Dissertação de Mestrado, Assis-SP, UNESP, 1987.

_____. *Atlas lingüístico do Paraná*. Tese de Doutorado, Assis-SP, UNESP, 1995.

ALI, M S. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1920.

ALENCAR, M. das G. de. *Estudo comparativo da sintaxe pronominal em São Paulo e Porto Alegre*. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas, 1998.

ALVAR, Manuel. *Estruturalismo, geografia lingüística y dialectologia atual*. Madrid: Gredos S/A, 1969.

ARAGÃO, M. do S. & MENEZES, C. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 14724: informação e documentação – trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2001.

BAGNO, M. *Dramática da língua portuguesa – tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BISINOTO, L. S. J. *Atitudes sociolingüísticas em Cáceres-MT - efeitos do processo migratório*. Dissertação de Mestrado, Campinas- UNICAMP. 2000.

BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*.



- Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 1977.
- BRANDÃO, S. F. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BUNSE, H. A.W. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul – problemas, métodos, resultados*. Rio Grande do Sul: Faculdade de Filosofia, 1969.
- _____. *São José do Norte – aspectos lingüístico-etnográficos do antigo município*. Porto Alegre-RS: Mercado Aberto, 1981.
- CÂMARA JR. J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 17.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 21.ed. São Paulo: Ática, 1992.
- CAMPOS, O. G.L.A.S. et al. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. in.
- CASTILHO, A.T. & BASÍLIO, M. (org). *Gramática do português falado*. Vol IV- Estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- CARDOSO, S.A.M. Tinha Nascentes razão? In: *Estudos lingüísticos e literários*. Nº 5. Salvador: EDUFBA. 1986. p.49-60.
- _____. (org). *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- CARVALHO, R. de C. *A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco*. Dissertação de mestrado. Campinas-UNICAMP, 1997.
- CASTILHO, A.T. de. O português do Brasil. in. ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*, São Paulo: Ática, 1992 (237).
- _____. A gramaticalização. In: *Estudos lingüísticos e literários*. Nº 19. Salvador: EDUFBA, 1997. p. 25-64.
- _____. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CASTILHO, A.T. & BASÍLIO, M. (org). (1996). *Gramática do português falado*. Vol IV- Estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1977.
- CHAMBERS, J.K. & TRUDGIL, P. (1980). *Dialectology*. 4.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- CORRÊA, V. R. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 1998.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.
- COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general -cinco estudios-* 3.ed. Madrid: Gredos, 1973.
- _____. *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977.
- _____. (1921). *Sincronia, diacronia e história*. São Paulo: Editora da USP, 1979.
- CRUZ, M. L. S. da. *O falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991.
- CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1972.
- _____. *Uma política do idioma*. 3. ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 5.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. Conservação e inovação no português do Brasil. In: *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, 1986.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático diacrônico*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 1994.
- DECAT, M. B. N. Construções de tópico em português: uma abordagem diacrônica à luz do encaixamento no sistema pronominal. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.

- DRUMMOND, M. F. I. *Do falar cuiabano*. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1978.
- DUARTE, M.E.L. Clítico acusativo, pronome lexical, e categoria vazia no português do Brasil. in. TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.
- ELIA, S. *Ensaio de filologia e lingüística*. 2.ed. Rio de Janeiro: GRIFO/MEC, 1975.
- FERREIRA, C. et al. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/ Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- _____. et al. *Diversidade do português do Brasil – estudos de dialectologia rural e outros*. 2.ed. Salvador: EDUFBA, 1986.
- FERREIRA, C. & CARDOSO, S.A.M. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FREITAS, J. & ALBÁN, M.R. Nós ou a gente? In. *Estudos lingüísticos e literários*. n.º 05. Salvador: UFBA, 1986 (179-93)
- HOUAISS, A. *O português no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Galouste Gulbenkian, 1933.
- HUDSON, R.A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980
- IKEDA, S. N. *A função do pronome SE*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC, 1997.
- ILARI, R. et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In CASTILHO, A.T. & BASÍLIO, M. (org). *Gramática do português falado*. Vol IV- Estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In *Tempo Brasileiro*, nº 53/54, Rio de Janeiro, 1978.
- LIMA, J. L. *Vila Bela de Santíssima Trindade: sua fala, seus cantos*. Dissertação de Mestrado, Campinas- UNICAMP, 2000.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico – morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1994.
- _____. *Contradições no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. De fontes sócio-históricas para a história social da lingüística no Brasil. In: MATTOS E SILVA, R.V. (org). *Para a história do português brasileiro*. Vol. II. Tomo II. Primeiros estudos, 2001.
- MARROQUIM, M. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- MONTEIRO, J. L. *Os pronomes pessoais no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1991.
- MORAIS, M. Ap. C.R.T. *Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Tese de Doutorado. Campinas/UNICAMP, 1995.
- MORALIS, E. G. *Dialetos em contato – um estudo sobre atitudes lingüísticas*. Dissertação de Mestrado, Campinas- UNICAMP. 2001.
- MOTA, J. & CARDOSO. S.A.M. In FERREIRA, C. et. al. *Diversidade do português do Brasil – estudos de dialectologia rural e outros*. 2.ed. Salvador: EDUFBA, 1986.
- NARO, A. & SCHERRE, M.M.P. *Sobre as origens do português popular escrito do Brasil*. In. D.E.L.T.A, vol.09, nº especial, 1993, (437-54).
- NASCENTES, A. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Pedidos à Civilização Brasileira, 1939.
- _____. *O linguajar carioca*. 2.ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- _____. *O idioma nacional*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- NEVES. M.Helena de M. (org). *Gramática do português falado*. Vol VII- *Novos Estudos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

- NUNES, J. Direção da cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. *Português brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- OLIVEIRA, M. A. *Variável lingüística: Conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical*. In: D.E.L.T.A., Vol. 03, nº 01, São Paulo: Editora da PUC, 1987.
- OMENA, N.P. *Pronome pessoal de terceira pessoa*. Dissertação de Mestrado. PUC, Rio de Janeiro, 1978.
- PAGEL, D. F. Contribuição para o estudo das vogais finais inacentuadas em português. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas (25), 1993 (85-99).
- PEZATTI, E.G. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCH, I.V.G. (Org.) *Gramática do português falado*. Vol.VI- Desenvolvimentos. Campinas – SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- _____. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- RIBEIRO, J. *A língua nacional – notas aproveitáveis*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, s/d.
- ROBERTS, I. & KATO, M. *Português brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- ROBERTS, P. Speech communities. In: CLARK, Virginia P. ESCHHOLZ, Paul & ROSA, Alfred. F. (eds). *Language – introductory readings*. New York: St Martin's Press, 1994.
- SANTOS, I. P. Considerações sobre um atlas lingüístico da cidade de São Paulo. In: AGUILERA, V.A. (org.) *Diversidade fonética no Brasil*. Londrina: Editora da UEL, 1997.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2.ed. (aumentada e revista pelo autor). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SILVA, G. M. de O. Realização facultativa do artigo definido diante de possessivos e de patronímico. (121-45) In: SILVA, Giselle M. de O. e SCHERRE, M. Marta. P. (org). *Padrões sociolingüísticos – análise de fenômenos variáveis no português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Fotografias sociolingüísticas*. São Paulo: Pontes, 1989.
- _____. & ALKMIM. *Falares crioulos - línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.
- TEIXEIRA, J. de Ap. *O falar mineiro*. Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, 1938
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Pontes, 1997.
- VEADO, R. M. de A. *Comportamento lingüístico do dialeto rural-MG*. Belo Horizonte: Editora da UFMG/PROED, 1982.

NOTAS

¹ Professora Mestre da UNEMAT – Campus Universitário de Alto Araguaia.

² Esta pesquisa, com base no modelo de questionário do ALiB, será realizada em 22 municípios mato-grossenses, a saber: Alta Floresta, Alto Garças, Barra do Bugres, Barra do Garças, Cáceres, Canarana, Comodoro, Cuiabá, Juruena, Lucas do Rio Verde, Nova Xavantina, Paranatinga, Porto de Azevedo, Porto dos Gaúchos, Primavera do Leste, Rondonópolis, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Sinop, Tangará da Serra, Terra Nova do Norte e Vila Bela da Santíssima Trindade.

³ Esse projeto foi desenvolvido de 1998 a 2000. Consiste na confecção de um atlas lingüístico da região do alto Araguaia, a qual compreende os municípios de Alto Araguaia, Alto Garças, Alto Taquari, Araguaína, Itiquira, Ponte Branca e Ribeirãozinho.

Aceito para publicação em 08/07/2004

